

Traduzindo os Montes Suábios: tradução comentada do romance *Rulaman*, de David Friedrich Weinland

Erica Sofia Luisa Foerthmann Schultz¹

Amanda Timmen Mello²

Gianluca Ribeiro³

Louise Bassini Pinto de Oliveira⁴

Mônica Schreiner⁵

Roger Gregory Silveira⁶

Resumo: O presente artigo é resultado da tradução conjunta do romance *Rulaman* (1878), de David Friedrich Weinland, iniciada nas disciplinas de Tradução do Alemão II (2020/1) e III (2020/2) e finalizada com o “Grupo de Estudos em Tradução: o romance *Rulaman*, de David Weinland” (GET-Rulaman), coordenado pela Prof.^a Dra. Erica Foerthmann Schultz. O autor da obra traduzida, David Weinland, possuía extensos conhecimentos científicos nas áreas da Geologia, História e Biologia, o que tornou a tradução da obra infantojuvenil um desafio não apenas quanto à contextualização histórica de seu vocabulário e à descrição adequada da região alemã em que se passa a história (os Montes Suábios), mas também quanto à padronização técnica de sua terminologia, flertando com tópicos da História da Ciência e exigindo grande pesquisa por parte dos tradutores. Além disso, o romance, escrito para jovens do século XIX, apresenta certos valores, em especial o do eurocentrismo, já não mais compartilhados e inclusive criticados por leitores de nossa época, levantando a questão da tradução sensível a temas como o racismo e o colonialismo. Portanto, objetiva-se aqui apresentar a tradução realizada pelo GET-Rulaman e comentar os desafios enfrentados, as decisões tomadas e as estratégias empregadas pelos tradutores ao longo do processo tradutório através de reflexões, análises e exemplos.

Palavras-chave: David Weinland; *Rulaman*; literatura alemã; tradução.

¹ Mestre em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora adjunta da UFRGS no Setor de Alemão, ministrante das disciplinas de Língua Alemã e Tradução do Alemão. Coordenadora do “Grupo de Estudos em Tradução: o romance *Rulaman*, de David Weinland”. ericasofia02@gmail.com.

² Bacharelada em Letras (Tradutor Português-Alemão) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tradutora no “Grupo de Estudos em Tradução: o romance *Rulaman*, de David Weinland”. amanda.timel@gmail.com.

³ Bacharelado em Letras (Tradutor Português-Alemão) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tradutor no “Grupo de Estudos em Tradução: o romance *Rulaman*, de David Weinland”. gianemailcomercial@gmail.com.

⁴ Bacharelada em Letras (Tradutor Português-Alemão) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tradutora no “Grupo de Estudos em Tradução: o romance *Rulaman*, de David Weinland”. bassini.louise@gmail.com.

⁵ Bacharelada em Letras (Tradutor Português-Alemão) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tradutora no “Grupo de Estudos em Tradução: o romance *Rulaman*, de David Weinland”. monicaschreiner@yahoo.de.

⁶ Bacharelado em Letras (Tradutor Português-Alemão) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tradutor no “Grupo de Estudos em Tradução: o romance *Rulaman*, de David Weinland”. roger.gregory@ufrgs.br.

Zusammenfassung: Der vorliegende Beitrag entstand aus der gemeinsamen Übersetzung des Romans *Rulaman* (1878) von David Friedrich Weinland, die in den Fächern Übersetzung aus der deutschen Sprache II (2020/1) und III (2020/2) begonnen und mit der von Frau Prof. Dr. Erica Foerthmann Schultz koordinierten Studiengruppe "Grupo de Estudos em Tradução: o romance *Rulaman*, de David Weinland" (GET-Rulaman) abgeschlossen wurde. Der Autor des übersetzten Werks, David Weinland, verfügte über ein umfangreiches wissenschaftliches Wissen in den Bereichen Geologie, Geschichtswissenschaft und Biologie, was die Übersetzung des Kinder- und Jugendbuchs zu einer Herausforderung machte, nicht nur in Bezug auf die historische Kontextualisierung des Wortschatzes und die angemessene Beschreibung der deutschen Region, in der die Geschichte spielt (die Schwäbische Alb), sondern auch in Bezug auf die Standardisierung der Terminologie, die mit Themen der Wissenschaftsgeschichte zusammenhängt und den Übersetzern viel Recherche abverlangte. Darüber hinaus vermittelt der Roman, der im 19. Jahrhundert für junge Menschen geschrieben wurde, bestimmte Werte, insbesondere den Eurozentrismus, die von den Lesern unserer Zeit nicht mehr geteilt und sogar kritisiert werden, was die Frage nach einer Übersetzung aufwirft, die für Themen wie Rassismus und Kolonialismus sensibel ist. Daher soll hier die von GET-Rulaman durchgeführte Übersetzung vorgestellt und die Herausforderungen, Entscheidungen und Strategien, die die Übersetzer während des gesamten Übersetzungsprozesses angewandt haben, anhand von Überlegungen, Analysen und Beispielen erläutert werden.

Schlüsselwörter: David Weinland; *Rulaman*; deutsche Literatur; Übersetzung.

Introdução

Em meados de 2020, no período de quarentena e com aulas em Ensino Remoto Emergencial (ERE), a professora Erica Foerthmann Schultz propôs à então turma de Tradução do Alemão II do Curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) um projeto que fugisse do cotidiano pandêmico: trabalhar com um romance alemão infantojuvenil do século XIX. A tradução de *Rulaman*, escrito por David Friedrich Weinland e publicado em 1878, acompanha os autores deste trabalho há quase dois anos, com a contribuição, no segundo semestre do ano letivo de 2020, de alunas do Estágio Supervisionado de Tradução do Alemão II, que participaram como tradutoras, e da turma de Revisão de Textos Traduzidos Alemão/Português, que revisou a tradução de alguns capítulos. Ao final do ano letivo de 2020, visando finalizar a tradução dos trinta e um capítulos da obra e dar andamento a uma revisão conjunta do trabalho, foi criado o "Grupo de Estudos em Tradução: o romance *Rulaman*, de David Weinland", que conta com a participação de oito tradutores em formação e com a coordenação e orientação da professora Erica.

Propomos aqui uma tradução comentada, apresentando e analisando questões que permearam todo o processo tradutório da obra e contribuíram para nosso aprendizado enquanto futuros tradutores profissionais. Inicialmente, fazemos uma breve apresentação do autor e da obra traduzida, dando em seguida enfoque a temas que se mostrarão mais relevantes ao longo das reflexões aqui tencionadas, como o regionalismo e a criação de termos para sugerir a existência de uma língua de um povo pré-histórico,

a língua aimat. Em seguida, trataremos dos tópicos mais relevantes e desafiadores em nosso projeto, a saber, a questão da padronização – que exige muita atenção em uma obra tão extensa –, a especificidade dos termos, as adaptações de expressões e citações e a temática da tradução sensível, tão atual e relevante. Complementamos nossa análise com exemplos de trechos e termos da obra e nossas soluções tradutórias para eles. Por fim, deixamos registradas algumas considerações sobre nossa experiência, refletindo a respeito dos desafios que a tradução nos apresentou, dos meios que encontramos para superar essas dificuldades e do aprendizado que tivemos com o projeto.

O autor e sua obra

David Friedrich Weinland foi um zoólogo e romancista alemão nascido em 1829, em Grabenstetten, Alemanha. Desde muito jovem, Weinland demonstrou interesse por áreas como Geologia e História; após cursar Teologia em Tübingen, formou-se também em Ciências Naturais, trabalhando em seguida como assistente no Museu de História Natural de Berlim e, alguns anos mais tarde, como diretor no Jardim Zoológico de Frankfurt. Entre 1855 e 1859, o autor viajou pelo Canadá, México e pela região do Caribe, onde conduziu pesquisas etnológicas e observações de organismos nativos das regiões (GEMEINDEVERWALTUNG GRABENSTETTEN, 2022; DAUM, 2020).

O interesse pela pesquisa, pela Geologia, Etnologia e História Natural, somado ao desejo de transmitir aos seus quatro filhos pequenos o conhecimento sobre a região em que viviam (os Montes Suábios; em alemão, *Schwäbische Alb*), levou David a escrever, em 1878, o romance histórico-didático *Rulaman*. Bestseller na Alemanha na época em que foi lançado, o livro permaneceu sendo estudado em escolas do país até pouco tempo atrás (DAUM, 2002). Ao longo da história, situada na Idade da Pedra, acompanhamos a vida do jovem Rulaman e sua tribo, chamada Tulka, uma das três tribos do povo fictício aimat citadas no livro. Apesar das desavenças, todos conseguem coexistir por muitos anos, o que muda porém com a chegada do povo kalat à região – um povo de maior estrutura física, que já sabia fundir metais. A partir desse ponto, desenrolam-se tensões e batalhas violentas, já que fica explícito que o povo kalat deseja subjugar os povos aimats. Estes são dizimados devido a sua inferioridade armamentícia e seu porte menos avantajado. Apenas Rulaman sobrevive ao massacre, ironicamente, para comandar o povo kalat.

O livro é dividido em três partes, na primeira – classificada como “capítulo 0” na versão com que trabalhamos, disponibilizada pelo Projekt Gutenberg – Weinland descreve com detalhes o passado histórico da região em que se passa a história, desde a Era Paleozoica até a Era Glacial. A segunda parte constitui-se da narrativa em si, com

a história de *Rulaman* intercalada por mais alguns capítulos descritivos e didáticos a respeito da fauna e flora da região e dos costumes de cada tribo. Na terceira e última parte encontramos um apêndice em que são esclarecidas diversas palavras presentes na obra, trata-se de um glossário de autoria de Kurt Kloeppe. O livro é também repleto de ilustrações, todas elaboradas em xilogravura por Theodor Knesing, com base em desenhos de Heinrich Leutemann.

Regionalismo

Como já mencionado, o autor da obra, David Friedrich Weinland, nasceu na região dos Montes Suábios, e foi esta que escolheu como local em que seus personagens aimats viviam. Os *Schwäbische Alb* ficam no Sul da Alemanha, a maior parte situada no estado de Baden-Württemberg, parte também na Baviera. A área é sede de cavernas e sítios de achados pré-históricos, nos quais Weinland certamente se inspirou para escrever a sua obra.⁷

O regionalismo, assim, está muito presente no romance. Temos, por exemplo, um alto grau de especificidade nos nomes de animais e plantas – como exemplificaremos melhor mais adiante –, que fazem sentido para o autor e o leitor local, conhecedores da região, mas grande parte das vezes são completamente desconhecidos para o leitor brasileiro. Como a obra flerta com o estilo científico, optamos por tentar manter a maior fidelidade possível em relação a nomenclaturas geográficas, da fauna e da flora. Quando a obra é puramente literária, muitos tradutores decidem adaptar regionalismos à cultura dos falantes da língua para a qual a obra está sendo traduzida, criando uma espécie de paralelismo. Isso não era possível neste caso.

É igualmente importante destacar que o regionalismo de Weinland relaciona-se ao fato de seu livro se tratar também de um texto histórico, antigo, ou seja, além de alguns termos serem locais, caíram em desuso. Dessa forma, tanto a questão do contexto geográfico em que a obra foi escrita como a época em que isso ocorreu foram questões que representaram grandes desafios na tradução de *Rulaman*.

A língua aimat

Há muitos estudos sobre criações de línguas para obras literárias. Weinland não chegou a criar uma língua nova para as personagens de seu livro, pertencentes ao povo

⁷ Para mais informações sobre as cavernas e sítio arqueológicos encontrados nos Montes Suábios, conferir: <https://www.schwaebischealb.de/kultur/hoehlen-der-schwaebischen-alb>.

pré-histórico fictício aimat. O que ele fez foi buscar e adaptar palavras de outros idiomas e usá-las isoladamente, sem se preocupar com orações completas ou com a criação de uma sintaxe dessa língua que eles falariam. O uso dessas palavras serve apenas para dar ao leitor uma noção de que outra língua era falada, embora não possamos acessar detalhes dessa suposta língua.

Na edição que traduzimos, disponibilizada ao Projeto Gutenberg por Kurt Kloeppe, há um vocabulário com traduções das palavras aimat (para o alemão) feita pelo próprio Kloeppe, informando de qual língua Weinland retirou cada palavra, sendo a maioria oriunda de línguas lapônicas, o que mostraria uma tentativa de Weinland de tentar recriar uma espécie de língua ancestral falada pelos habitantes das partes central e ocidental do continente europeu, anterior à migração dos povos indo-europeus, representados no livro respectivamente pelos grupos étnicos “aimat” e “kalat”. No vocabulário disponibilizado por Kloeppe, no entanto, não há nenhuma referência ou confirmação desses dados, nos impossibilitando de fazer uma análise maior desse vocabulário. A própria palavra para “aimat”, por exemplo, teria vindo de um dos dialetos sami, ou lapão, significando “pessoa”, “ser humano”.

Outro artifício linguístico usado por Weinland foi tentar imitar com o próprio alemão a lógica da língua desse povo, por exemplo *Sonnenstein*, “pedra-do-sol”, foi utilizado para se referir ao cobre. Já *Trückvogel*, a “ave do engano”, seria equivalente a uma espécie de demônio ou espírito maléfico. Algumas das expressões são explicadas por Weinland no próprio texto, outras demandaram extrapolações por parte dos tradutores.

Desafios da tradução

Padronizações

Ao organizarmos como seria realizada a tradução do livro, optamos por dividi-la em capítulos, ou seja, cada aluno ficou responsável por traduzir, inicialmente, um capítulo. Conforme fomos avançando no trabalho, chegamos a uma média de quatro capítulos por tradutor. Considerando que a obra é composta, como já mencionado, por trinta e um capítulos relativamente longos, para que houvesse uma uniformidade tanto da linguagem, do estilo como de detalhes descritivos e narrativos do texto, foi necessário conversar e tomar decisões em conjunto a respeito de certas padronizações.

Primeiramente, vale destacar de forma breve a busca por uma uniformidade no estilo do texto traduzido. Para isso, tivemos de levar em conta tanto o contexto de elaboração e publicação da obra original – quando, por quem e para quem ela foi

escrita – como o seu impacto no público brasileiro. Características de uma linguagem um pouco mais formal – considerando se tratar de um livro escrito em alemão no século XIX – foram mantidas, nunca esquecendo, porém, o elemento didático e infantojuvenil da obra. Além disso, a leitura conjunta do texto, realizada durante sua revisão, auxiliou na uniformização de termos e na correta retomada de passagens ao longo da narrativa, bem como contribuiu para que tornássemos a leitura no português brasileiro mais natural e fluida.

Voltando-nos a questões de padronização mais específicas, podemos citar as unidades de medida utilizadas ao longo da obra, que muitas vezes tiveram de ser adaptadas. O próprio Weinland não se ateu a uma padronização em relação às medidas que usou, por vezes indicando o tamanho de ferramentas, objetos ou a largura de locais em polegadas, pés e mesmo com o *Klafter*⁸, uma unidade bastante antiga. A decisão que tomamos foi converter tudo para o sistema métrico, tornando as informações mais acessíveis ao leitor brasileiro. No Quadro 1, constam os exemplos 1 e 2 com as unidades de medida polegada (*Zoll*) e pés (*Fuß*), respectivamente. Nossa solução foi converter o primeiro caso para “dois centímetros e meio” (equivalência de uma polegada) e o segundo para “aproximadamente cinco metros” (equivalência de dezesseis pés). No entanto, em casos como o do *Klafter*, a equivalência no sistema métrico não é clara, isso fez com que não fosse possível especificar as medidas utilizadas em alguns trechos, como vemos no terceiro exemplo do Quadro 1.

99

Quadro 1 – Exemplos de padronização das unidades de medida

	Original	Tradução
1	“Die Speere waren mannslange, <u>zolldicke</u> [...]” (capítulo 4)	“As lanças eram [...] do tamanho de um homem, <u>com aproximadamente dois centímetros e meio de espessura</u> ” [tradução nossa]
2	“[...] etwa <u>sechzehn Fuß</u> über dem Boden” (capítulo 6)	“[...] aproximadamente <u>cinco metros</u> acima do chão” [tradução nossa]
3	“[...] <u>in einem mehrere Klafter tiefen Sprung</u> ” (capítulo 1)	“[...] em um <u>grande salto</u> ” [tradução nossa]

Fonte: Weinland (1878) [grifos nossos]

⁸ O *Klafter* foi uma unidade histórica de comprimento, volume ou área, utilizada por muitos anos na Europa Central. Como unidade de comprimento, equivalia à extensão dos braços estendidos de um ser humano, porém variava de região a região. (KRÜGER, 1830).

Outro detalhe foi a padronização gráfica de certos termos relacionados à própria história e às personagens da obra. Decidimos, por exemplo, manter as designações “aimat” e “kalat” sempre com iniciais minúsculas e flexão de número, enquanto as tribos aimats (Tulka, Huhka, Nalli) são sempre grafadas com inicial maiúscula e no singular, como vemos no primeiro e segundo exemplo do Quadro 2. Para chegar a esse consenso de padronização, baseamo-nos em pesquisas a respeito dos conceitos de “povo”, “etnia” e “tribo”, bem como no Manual de Comunicação da Secretaria Especial de Comunicação Social (Secom)⁹. Optamos também por não traduzir palavras da língua aimat, apenas as grafamos em itálico e com iniciais minúsculas, como exemplificado no item 3, em que *burria* significa “leão-das-cavernas”. Dessa forma, procuramos manter na tradução esses elementos bastante ricos e distintivos que o autor acrescentou ao texto original.

Quadro 2 – Exemplos de padronização gráfica e de palavras na língua aimat mantidas

	Original	Tradução
1	“Sie wurden bei den <u>Aimats</u> heilig gehalten [...]” (capítulo 6)	“Os <u>aimats</u> as consideravam sagradas [...]” [tradução nossa]
2	“So nahe die <u>Huhkas</u> den <u>Tulkas</u> verwandt waren [...]” (capítulo 6)	“Por mais próximo que fosse o parentesco entre os <u>Huhka</u> e os <u>Tulka</u> [...]” [tradução nossa]
3	“»Hat der <u>Burria</u> keine Höhle?« fragte Rulaman.” (capítulo 5)	“— O <u>burria</u> não tem uma caverna? — perguntou Rulaman.” [tradução nossa]

100

Fonte: Weinland (1878) [grifos nossos]

Especificidade dos termos

David Weinland, estudioso e tão dedicado ao papel didático de sua escrita, reservou grandes trechos de *Rulaman* à apresentação de ambientes, objetos e hábitos de certos animais e comunidades, por vezes mesmo capítulos inteiros. Tamanho detalhamento e aprofundamento histórico e científico nos exigiu momentos de grande pesquisa, especialmente por se tratar de um vocabulário do alemão do século XIX, com algumas expressões que por vezes não são mais usadas, ou termos técnicos que inevitavelmente foram atualizados ao longo de mais de cem anos.

Weinland apresenta com cuidado animais que muitas vezes se encontram há tempo extintos; em certos trechos, plantas e outros seres vivos são citados por suas nomenclaturas científicas ou com um linguajar muito singular e difícil de localizar no

⁹ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao>.

português brasileiro, como é o caso de uma sequência de nomes de peixes que aparece no capítulo 13 e requerem um conhecimento mais avançado sobre pescaria e sobre a região em que se passa a história. Para conseguirmos realizar a tradução desses nomes, consultamos uma enorme variedade de fontes – muitas, infelizmente, apenas em português de Portugal –, das quais podemos citar fóruns sobre pescaria, sites como o do Sistema Integrado de Informação Taxonômica¹⁰ e o *Fish Base*¹¹, além do livro intitulado *Algarve: Fisch & Krustentiere* (2018), de Jochen Krenz. Após a pesquisa, conseguimos traduzir os nomes dos peixes *Quappe*, *Rheinlanken*, *Lachsforelle*, *Rotforelle*, *Schnäpel* e *Blaufelch* para, respectivamente, “lota-do-rio”, “truta-marrom”, “truta-do-mar”, “truta-do-ártico”, “coregono-bicudo” e “coregono-azul”.

O autor também se dedica muito à descrição de ambientes, como podemos ver no excerto traduzido abaixo, retirado do livro, em que destacamos alguns termos relativos à fauna e à flora (ver original em nota de rodapé). São palavras por vezes mais comuns, por outras mais específicas, como é o caso de “tartarugas-aligátor”, “espadanas” e “ciprestes-do-pântano”, empregadas em um trecho quase poético devido ao seu detalhamento.

Sobre as largas folhas das *ninfeias*, *tartarugas-aligátor* de rabo longo tomam sol; entre *íris* e *espadanas*, uma serpente rasteja lentamente em direção a um sapo que se insinua, de olhos atentos, entre as *algas*. Flamingos de longas pernas e *íbis* caminham na orla, entre as altas *taboas* e sobre os *ciprestes-do-pântano* [...]. (WEINLAND, 1878, capítulo 0¹²) [grifos nossos].

Ainda, não foi somente a atenção de Weinland ao detalhe que nos exigiu tanta pesquisa, diferenças entre as línguas com as quais trabalhamos também merecem destaque. Como exemplo, trazemos aqui uma frase em que o autor trata de ferramentas e armas utilizadas pelas personagens: “Die Speere dienten zunächst als Lanzen, konnten aber auch als Wurfspieße [...] gebraucht werden” (WEINLAND, 1878, capítulo 4) [grifos nossos]. Utilizando *Speer*, *Lanze* e *Wurfspeer*, Weinland dispõe, no alemão, de uma variação maior do que a encontrada no português para essas palavras. As traduções para elas são destoantes, algumas diferenciam termos que outras consideram sinônimos, mas, em geral, todas podem equivaler a tanto “lança” como “dardo”, o que levou à

¹⁰ Disponível em: <https://www.itis.gov/>.

¹¹ Disponível em: <https://www.fishbase.de/>.

¹² “Auf den breiten Blättern der Seerosen sonnen sich langschwänzige *Alligatorschildkröten*, zwischen *Schwertlilien* und *Sparganien* schleicht langsam eine Natter auf einen Frosch zu, der dort mit klugen Augen aus grünen *Wasseralgeln* hervorlugt. Langbeinige Flamingos und *Ibisse* waten am Ufer zwischen dem hohen *Kolbenrohr*, und auf den *Sumpfyypressen*”. [tradução nossa].

decisão de apenas omitir uma das palavras na tradução, mantendo-a da seguinte forma: “As lanças também eram usadas como dardos [...]”.

Portanto, tivemos de lidar com uma certa dificuldade quanto à organização da terminologia ao longo de uma tradução tão extensa e com tantos envolvidos. Porém, elaboramos estratégias para facilitar nosso trabalho, como a criação de um glossário coletivo para nos guiar ao longo do processo e o uso do Google Docs, para que todos pudéssemos ter acesso conjunto ao texto e propor discussões em forma de comentários que auxiliassem nas traduções dos colegas.

Adaptações de expressões e citações

Um desafio recorrente para os tradutores são expressões idiomáticas, ditados populares, provérbios, rimas e citações. Um primeiro exemplo desafiador que tivemos foi uma espécie de provérbio com rima: “*Geht der Aimat zur Jagd, bleibt zu Hause die Magd*” (capítulo 21). Além da questão específica do jogo de palavras, também temos aqui a possibilidade de duplo sentido da palavra *Magd*, que, conforme o dicionário *Langenscheidt* (1996) significa “criada”, “servente”, mas segundo o dicionário *Duden* (2022), no alemão do século dezenove pode significar tanto “criada” quanto “donzela”, “moça”. A solução de tradução que encontramos foi: “O aimat sai a caçar, a donzela fica a esperar”. No contexto da narrativa, a frase é dita de forma provocativa pela personagem feminina Ara, que quer acompanhar os rapazes durante uma caçada.

102

Quadro 3 – Exemplos de traduções de citações

	Original	Tradução
1	“Denn tausend Jahre sind vor dir wie der Tag, der gestern vergangen ist, und wie eine Nachtwache” (capítulo 0)	“Porque mil anos aos teus olhos são como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite” (Salmo 90:4)
2	“Durch Übung, tägliche Übung, Fleiß und Beharrlichkeit lernt man, <u>wie der Amerikaner Franklin sagte, »mit Sägen schneiden und mit Messern sägen«</u> ” (capítulo 7)	“Por meio de treino, muito treino, dedicação e persistência se aprende, <u>como dizia o americano Franklin, a “cortar com serra e serrar com faca”</u> ” [tradução nossa]

Fonte: Weinland (1878) [grifos nossos]; Bíblia Sagrada (1819, Salmo 90:4)

Podemos ainda citar duas ocorrências de citações que apresentam problemas de tradução distintos (Quadro 3). No primeiro caso (exemplo 1), a grande dificuldade foi que a passagem não estava identificada como citação e por muito tempo nós acreditamos

que fosse parte do texto, de autoria do próprio Weinland; apenas após muita pesquisa descobrimos que o trecho em questão se tratava de uma citação bíblica. No caso seguinte (exemplo 2), o que aconteceu foi o contrário: o autor menciona uma citação, mas não conseguimos localizar essa citação em nenhum lugar. Qualquer pesquisa feita apresentava-nos como resultado da busca apenas o romance *Rulaman*, restando-nos apenas traduzi-la da forma que consideramos mais adequada.

Citações sem indicação de fonte são um problema recorrente enfrentado por tradutores de textos escritos no século XIX e antes, uma vez que não era hábito colocar referências – esperava-se que o público por si só identificasse de onde vinha a citação, também muitas vezes não havendo preocupação com questões de autoria. Ainda, na literatura em geral, é comum autores propagarem citações sem fontes, ou que muitas vezes nunca foram realmente ditas pelos autores quando estes são mencionados, cabendo ao tradutor procurar uma referência para o trecho ou identificar se ele de fato existiu, constatar sua veracidade. Ou seja, faz parte do trabalho do tradutor aprender a desconfiar quando há citações no meio do texto, bem como tomar a decisão de propagar a “lenda” ou fazer uso de notas de rodapé explicando a situação caso elas não sejam reais; o projeto aqui apresentado nos deu certa experiência para agir em situação como essas.

A tradução sensível

Como já esperávamos quando começamos a trabalhar com um texto do século XIX, encontramos, ao longo da obra, diversos trechos que não estão de acordo com o que hoje é sabido e respeitado. Em todos os pontos mais delicados, debatemos as questões e melhores soluções com o grupo todo. Weinland reproduz a estrutura patriarcal de sua época no mundo pré-histórico por ele criado, portanto, não mexemos em nada da obra no que tange ao assunto, porque, além de ele fazer parte de sua estrutura fundamental, compreendemos que Weinland estava limitado ao conhecimento científico de sua época, que ainda não tinha os dados que temos hoje, inclusive sobre o papel da mulher em sociedades da Idade da Pedra. Atualmente sabemos, por exemplo, que em muitas culturas a mulher era a responsável pela caça.

Vimo-nos obrigados, no entanto, a fazer alterações concernentes às questões raciais e indígenas. Em alguns trechos da obra, Weinland exalta traços de branquitude beirando certa idolatria, o que nos levou a remover alguns adjetivos em excesso e a alterar outros. O autor também se refere a indígenas das Américas, especialmente da América do Norte, de forma um tanto pejorativa, já que na época estava muito presente o pensamento colonialista civilizado *versus* selvagem. Assim, todos concordamos em fazer

trocas que não propagassem ideias que colidem com noções fundamentais de respeito conquistadas com tanto esforço. Os prós e contras foram debatidos longamente em grupo, e apenas o necessário foi alterado, mantendo o cerne da obra e adequando-a conforme as observações acerca de temas sensíveis.

Considerações finais

Ao longo da realização desse projeto, deparamo-nos com desafios individuais e coletivos, que renderam discussões muito ricas e nos levaram a refletir sobre o processo tradutório da obra escolhida. O trabalho em grupo foi essencial para os resultados tão satisfatórios que alcançamos em nossa tradução. Temas como a padronização terminológica, de especificidades e a grafia de certas palavras foram muito debatidos em grupo; a ajuda coletiva na busca por conceitos e nas tomadas de decisão foi de extrema importância, assim como o cuidado com a coerência narrativa da obra, com retomadas de cenas, falas e mesmo objetos em diferentes capítulos.

Como ponto mais delicado, identificamos os temas sensíveis, pois ao transferir uma obra escrita com a mentalidade racista e colonialista do século XIX para os dias de hoje, em que os termos adequados mudam com alta velocidade, é necessário encontrar um equilíbrio entre transmitir o romance ao leitor contemporâneo e evitar reproduzir os preconceitos dessa época, que tanto permeiam a narrativa. Além disso, deparamo-nos com o seguinte desafio ao traduzir esse texto: o fato de ele ser um texto científico e, ao mesmo tempo, literário. Logo, tivemos de aprender a estabelecer limites no que poderia ou não ser alterado.

Por fim, este projeto contribuiu enormemente para nosso desenvolvimento enquanto futuros tradutores profissionais, não apenas pelos conhecimentos técnicos que adquirimos, mas também por todo o aprendizado humano que a produção em equipe nos proporcionou. Foi um trabalho muito gratificante; agora, restam-nos os acabamentos finais para, quem sabe, levá-lo à publicação.

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira d'Almeida. Londres: R. E. Taylor, 1819.
- DAUM, Andreas. Christoph David Friedrich Weinland. In: BAYERISCHE AKADEMIE DER WISSENSCHAFTEN. Historische Kommission (org.). *Neue Deutsche Biographie*. Berlim: Dunker & Humblot, 2020. (Vockerodt – Wettiner, v. 27). p. 646-648.

DAUM, Andreas. **Wissenschaftspopularisierung im 19. Jahrhundert. Bürgerliche Kultur, naturwissenschaftliche Bildung und die deutsche Öffentlichkeit 1848-1914**. 2. ed. Munique: Oldenbourg, 2002.

DUDEN Online-Wörterbuch. Magd, die. **Duden**, Berlin, 2022. Disponível em: <https://www.duden.de/rechtschreibung/Magd>. Acesso em: 2 fev. 2022.

GEMEINDEVERWALTUNG GRABENSTETTEN. Eine Grabenstettener Persönlichkeit: David Friedrich Weinland. **Gemeide Grabestettener**, Grabestettener, [2022]. Disponível em: <https://www.grabenstetten.de/gemeinde-grabenstetten/geschichte/david-friedrich-weinland>. Acesso em: 2 fev. 2022.

KRÜGER, Johann Friedrich. **Vollständiges Handbuch Der Münzen, Maße Und Gewicht Aller Länder Der Erde**. Quedlimburgo – Leipzig: Verlag Gottfried Basse, 1830.

MAGD, die. In: IRMEN, Friedrich; KOLLERT, Ana Maria Cortes. **Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch. Portugiesisch-Deutsch, Deutsch-Portugiesisch**. 2. ed. Berlin: Langenscheidt, 1996.

WEINLAND, David Friedrich. **Rulaman. Erzählung aus der Zeit des Höhlenmenschen und des Höhlenbären**. Tübingen: Rainer Wunderlich Verlag Hermann Leins, 1972. Disponível em: <https://www.projekt-gutenberg.org/autoren/namen/weinland.html>. Acesso em: 2 fev. 2022.